

RN 356

*A revolta  
dos pardais*

## DESPEDIDA DE IPANEMA

QUANDO vim morar neste apartamento de Ipanema, há uns oito anos, sua varanda se debruçava sobre as árvores e o mar. Eu via toda a curva das águas azuis, desde a mais meridional das ilhas Tijucas até muito além da Rasa; mais de uma tarde de verão acompanhei com os olhos a marcha de uma tempestade. Nuvens negras que se juntavam para além dos Dois Irmãos e da Pedra da Gávea e avançavam pelo mar; o vento, os relâmpagos, os trovões, os pios das aves assustadas.

Montava-se tudo isso nas bandas de sudoeste e vinha rolando sobre as casas e o mar com uma certa e aparatosa lentidão, como um preparo de artilharia antes do ataque. A charanga infernal dos trópicos avançava no ar que escurecia, trêmulo, no mar que se assanhava em espumas súbitas; vinha... E às vezes, quando a borrasca desabava sobre minha cabeça e as portas atrás de mim batiam com desespero, eu ainda podia ver longe, para os lados do Oriente, alguma tranqüila nuvem branca boiando de um pedaço de céu azul — ou, entre nuvens que já se turbavam, uma nesga de céu inesperadamente verde, sorriso ou fantasia da tarde que ia morrer... Afeiçoei-me a este canto; mas lentamente começaram a se erguer edifícios que foram tapando, com seus blocos de cimento, a minha paisagem azul. Hoje resta apenas, por milagre, uma nesga de mar entre dois muros. Não me importa; vou-me embora.

Amigos que me conhecem desde que vim para aqui, e alguns até de outras casas, caçoam. Que eu só sei escrever o que vejo de minha janela; e não mais posso escrever, se me muram a paisagem. É verdade, sou homem de vista curta e coisas miúdas eertas, não sou cosmonauta. Mas o que me espanta e deprime não é isto de só ver e viver o que me anda à volta; é como vejo pouco, e mal, mesmo isso. Pois não é verdade que só numa destas últimas tardes, quando conversava com um pintor amigo, reparei no *rush* vespertino dos pardais? Eles passavam em bandos, vindos dos lados do Leblon para os lados de Copacabana; eram esquadrilhas de quinze ou vinte, a intervalos de segundos, em vôos rasantes sobre os edifícios, entre as antenas de televisão.

Que estará acontecendo? — perguntei, de súbito. Os pardais estão indo todos para Leste, estarão sendo perseguidos por algum aéreo ri-

noceronte, tocados pelo pânico ou chamados com urgência pelo amor? E continuavam a passar diante de nós, em esquadrilhas súbitas, a intervalos irregulares, como soldados que vencem lances sob a metralha; depois de um bater de asas cada um afinava o corpo e o projetava no ar um metro, vários metros, até que começava a cair e então novamente batia asas e se lançava outra vez para a frente e um pouco para o alto, em vôo aflitivo, sem descanso, irregular; sumiam-se entre prédios e logo vinham outros, sempre na mesma direção. Era impossível conversar quando alguma coisa estranha parecia estar acontecendo lá fora, no mundo das aves; começávamos a falar alguma coisa, mas logo um de nós notava outra esquadrilha que vinha, sempre na mesma direção. Às vezes algum pássaro sozinho voava em sentido contrário; mas logo pousava em um terraço e, ao divisar a primeira leva de seus irmãos, se incorporava a eles e lá se iam todos, sem pousar mais, lá se iam para algum destino misterioso...

Mistério nenhum, com certeza; talvez algumas amendoeiras da Praça General Osório ou do Posto 6 aonde se recolham para dormir. Porque agora sei que isso acontece toda tarde; é uma rotina dos pardais, e creio que só dos pardais, porque as rolinhas, os raros sanhaços e bem-te-vis acho que dormem mesmo aqui pelo bairro, nunca os vi passar assim, nessa evasão vespertina. Devem dormir mesmo aí, ou no morro, como as aves do mar dormem nas ilhas.

Vivi oito, nove anos aqui, e nunca tinha visto isso. Ou só acontecerá no inverno, ou só está acontecendo agora? Sou, na verdade, um homem desatento; sou eu, meu amigo Paulo Mendes Campos, o verdadeiro cego de Ipanema. Ou ver certas coisas é um privilégio de quem se vai, como certo amor, o mais doce talvez, só acontece na hora da despedida?

Passam lá fora, riscando o céu, apressados, os pardais. Parecem estar me convidando a partir, a fugir. Bem, já irei. Mas me deixem um instante ainda, que este instante é feliz: ganhei três rosas em botão e elas se abrem agora para a glória efêmera e eterna de sua beleza. Deixem-me com minhas três rosas, uma rubra, duas côr-de-rosa. Deixem-me, só por um momento ainda, deixem-me aqui.

488-26.8.61